

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad huiusmodi
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta do Soberano Pontifice ao episcopado belga.* — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christiã (X — A devoção)*, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Santo Affonso de Liguori*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO HISTORICA: — *O Cardeal Melchior de Polignac*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CURTICA: *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre a utilidade d'um matrimonio por ter havido o impedimento de força e medo.* — SECÇÃO LITTERARIA: *Tantum ergo*, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Dies irae*, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *A Irmiã da caridade*, pela ex.^{ma} sr.^a Quitéria Vargas Marin, traduzido pela redacção. SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Assassinato de Saint-Blamont; S. Bernardo, abbade e fundador*, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *Assassinato de Saint-Blamont; S. Bernardo, abbade e fundador.*



ASSASSINATO DE SAINT-BLAMONT



CARTA

no

SOBERANO PONTIFICE AO EPISCOPADO BELGA

Aos Nossos veneráveis irmãos Pedro Lambert Goossens, Cardeal da Santa Igreja Romana, arcebispo de Malines, e demais Bispos da Belgica.

LEÃO XIII, PAPA

VENERÁVEIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO
APOSTOLICA

Animado d'especial benevolencia para com a vossa nação, e a pedido d'um grande numero de concidadãos vossos, temo-Nos particularmente occupado d'um gravissimo assumpto. Já comprehendestes, por certo, que queremos fallar da questão social, que, por elles manuseada com ardor, inquieta os espiritos a ponto de lhes parecer convenientemente pedirem-Nos um consolo e remedios.

A questão de que se trata, já de si tão ardua, é aggravada entre vós por circumstancias especiaes. Todavia não Nos recusamos a tratá-la, principalmente nos pontos em que estreitamente se relaciona com os interesses da religião e com os deveres do Nosso ministerio apostolico. Acerca d'esta questão, já ha muito tempo houve por bem, em diferentes occasiões, dar os ensinamentos da sabedoria christã, em harmonia com as circumstancias e os costumes. É muito agradavel Nos é recordar que essas instrucções deram abundante messe de fructos abençoados, para os individuos e para as sociedades, messe que, como é d'esperar, augmentará cada vez mais.

Os catholicos belgas, que foram dos primeiros a patentear um grande zelo em promover aquelles ensinamentos, também fruíram d'estes resultados, não tanto aliás quanto Nós legitimamente podiamos esperar de tal paiz e tal nação. Conheçemos os obstaculos que se apresentaram. E que não obstante

acharem-se todos animados de boas intenções, conceberam acerca d'este ponto diversas opiniões, abraçando diferentes maneiras de proceder, e continuam a seguil-as. D'aqui resultou que as vantagens que se esperavam não poderam vingiar todas nem permanecer completa a concordia dos catholicos.

Penalisa-Nos este exemplo de dissensão, novo entre os catholicos belgas, e de mau prognostico; com effeito, em todos os tempos tem elles dado magnificas provas de sua feliz e fecunda concordia. E para não recordar senão factos recentes, essa concordia manifestou-se claramente na questão chamada *escolar*. Então os catholicos de todas as classes sociaes uniram-se generosamente e activamente, em um admiravel accordo, graças ao qual principalmente obtiveram o exito, para honra da religião e salvagão da mocidade.

Em vossa sabedoria, vós mesmos, veneráveis Irmãos, vódes a que perigos publicos e particulares a diversidade das opiniões expõe os fieis do vosso rebanho, e egualmente vódes quanto importa remediar rapidamente uma situação tão deploravel. Quanto a Nós, que sabemos bem o zelo que vos anima no que respeita ao restabelecimento e consolidação da concordia, Nós vos convidamos sobretudo ao cumprimento d'este dever, tão glorioso para um Bispo e tão santo. O grande respeito que entre vós justamente se presta á vossa dignidade e á vossa virtude, nos assegura o bom resultado.

O que Nos parece muito util e vos recomendamos vivamente, é que vos reunais em congresso o mais depressa possivel. Assim reunidos, podereis com mais facilidade comunicar reciprocamente as vossas impressões, discurrir a questão em todos os seus aspectos e procurar os melhores e mais efficazes meios para acertadamente a resolver.

Não deve, com effeito, esta questão social ser estudada sob um dos seus aspectos sómente. Tem ella relação com os bens materiaes; mas, sobretudo, relaciona-se intimamente com a religião e com os costumes, vindo d'este modo a ligar-se também estreitamente com a legislação civil; de modo que contém em si quanto se refere aos deveres e aos direitos de todas as classes sociaes.

Por outro lado, os principios evangelicos da justiça e da caridade, por Nós tantas vezes recordados, ferem d'algun modo os interesses particulares quando são applicados á pratica e aos actos habituaes da vida; e se a isto se acrescentarem as condições especiaes do trabalho e da industria na Belgica, assim como as relações existentes entre patrões e operarios, comprehendereis, veneráveis Irmãos, de quão alta impor-

tancia é a questão em que haverão d'exercitar-se o vosso zelo e a vossa consummada prudencia.

Ao sahirdes do congresso, ser-vos-ha mais facil, cada um em sua diocese, applicar remedios opportunos e apropriados ás circumstancias dos diversos logares.

Mas convirá que, com o concurso d'homens versados n'estas questões, dirijais vossos trabalhos por forma que tenham um grande valor para os catholicos de toda a nação simultaneamente; de sorte que a acção catholica, fundada nos mesmos principios e marchando quanto possivel por eguaes caminhos, se manifeste identica em todas as partes e em todas produza os mesmos fructos de benção.

Mas este plano não se realizará nunca, se os catholicos não pozerem de lado, como instantemente lhes temos recommendado, as suas proprias opiniões, as suas preferencias, para trabalharem unicamente e com ardor em tudo o que seja conducente ao bem commum.

O primeiro de seus cuidados deve ser procurar que a religião seja por todos e em toda a parte venerada, para que possa espalhar em volta de si a virtude maravilhosa que contém, tão fecunda em bens tanto na ordem domestica como na civil e economica; devem procurar que a auctoridade publica e a liberdade se vejam christamente conciliadas, abstendo-se para isso de qualquer acto sedicioso que possa alterar a tranquillidade do reino; devem attender ao melhoramento das boas instituições civis, das eschololas para a juventude sobretudo, e á maior prosperidade do commercio e das artes com o concurso d'essas associações, tão numerosas entre vós, a cujo incremento deve attender-se sempre que tudo se faça sob os auspicios e em favor da religião.

É necessario, sobretudo, inclinarem-se reverentes ante os soberanos designios de Deus que, na grande comunidade do genero humano, quiz que existisse desigualdade entre as diversas classes sociaes, e ao mesmo tempo uma especie de egualdade nascida da sua commun collaboração e da sua affectuosa harmonia. Assim os operarios devem ser respeitosos e fieis para com os seus patrões; e estes não devem esquecer a obrigação que lhes incumbe d'exercerem para com aquelles um patronato previsor, justo e bondoso.

São estes os principaes pontos em que consiste o bem commum para o qual devem tender todos os vossos esforços. Da fiel observancia d'estes preceitos surgem, para allivio das penas d'esta vida mortal, consolações que não são vans e merecimentos que serão tidos

em conta para a aquisição da vida eterna.

Se os catholicos seguirem obedientes e submissos este caminho traçado pela sabedoria christã e forem vivo exemplo para os demais, poderá succeder, e este é o mais fervoroso anelo de Nossa alma, que outros homens, seduzidos agora por falsas opiniões ou pelo aspecto, tantas vezes enganoso das cousas, e desviados do recto caminho, retrocedam desenganados em busca da branda tutella e sabia direcção da Igreja.

Seguramente não se encontrará um catholico, amante da sua religião e da sua patria, que se obstine em se não conformar com as decisões da vossa prudencia; bem persuadidos todos de que nas differentes ordens da vida, o progresso requer uma evolução lentissima, que é a que lhe presta condições d'estabilidade e a que principalmente faz com que produza maior somma de bens no futuro.

Mas como a gravidade do mal que estamos deplorando é de tal natureza que não admite dilação na applicação do remedio, e Nós julgamos que este remedio consiste principalmente em conseguir a pacificação dos animos, é Nossa vontade, veneraveis Irmãos, que em Nosso nome exhorteis os catholicos que se abstenham de toda a controversia e de toda a discussão acerca d'estos assumptos, tanto em discursos como nas columnas dos jornaes; que evitem sobretudo mutuas censuras e injurias e não previnam temerariamente o julgamento da auctoridade legitima.

Esforcem-se todos, com fraternal unanimidade, em vos prestar o seu concurso e seja exemplo a todos o clero, acautelando-se de admitir e defender novas opiniões, procurando tranquillisar e conciliar os espiritos e instruindo os fieis nos deveres christãos.

Já ha muito tempo que olhamos a illustre nação belga com especial affecto e sollicitude. D'esse povo, que se conserva fiel á fé de seus maiores, temos por muitas vezes recebido provas de submissão e piedade. Não duvidamos pois que Nossos filhos os catholicos receberão estas exhortações e prescripções com os mesmos sentimentos que Nos levaram a fazel-as, e as seguirão religiosamente.

Não quererão elles comprometter imprudentemente com suas discordias a gloriosa situação a que a religião chegou na sua patria, graças principalmente á intima união que sempre reinou entre elles o que lhes tem valido os elogios d'outras nações.

Unam-se estreitamente e dirijam todos os seus esforços a combater o perverso erro do *socialismo*, do qual, se não for atalhado a tempo, sobrevirão

grandes transtornos e males innumerados. Não cessa elle, com effeito, de dirigir seus ataques contra a religião e a sociedade; viola as leis divinas e humanas e esforça-se sempre por anniquillar os beneficios da doutrina evangelica.

Muitas vezes a Nossa voz tem denunciado com força semelhante calamidade, como se vê dos ensinamentos e conselhos contidos na Nossa Encyclica *Rerum Novarum*. E' necessario pois que todos os homens de bôa vontade, sem distincção d'opiniões nem de partidos, se lancem ao combate, dentro sempre da legalidade, em defeza da verdade christã, da justiça, da caridade, da sagrada causa de Deus e da patria; porque n'isto está a salvação e o fundamento da publica prosperidade.

A esperanza de que isto se alcance põmol-a principalmente na vossa sabedoria e zelo pastoral, e por isso, pedimos para vós abundantes auxilios da graça divina e vos concedemos, assim como ao clero e povo confiados ao vosso cuidado, a benção apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, em 10 de julho de 1895, anno XVIII do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, Papa.

SECÇÃO DOUTRINAL

A Milicia Christã

A DEVOÇÃO

X

EUM perfume de mimosa flôr, nascida no coração do crente e bafejada pela suavidade divina da graça.

Branda briza, que como do céu vinda, vem com celestial meiguice afagar os miseros mortaes, que na aridez do deserto imos.

Meigo sorrir de celestial encanto, que revela a natural aspiração do mortal á immortalidade.

Suave linguagem encantadora dos filhos dos homens, que se dizem tambem filhos de Deus e louvando a este bom Pae, como que adormecem nos ternissimos deliquios do amor filial.

Calor vivificante, que sentem os mortaes, que Deus bafeja com o seu divino amor, para que desprendidos dos somnolentos attractivos das creaturas, que nos chamam a dormir no pó, vöem com mais leves azas á sublimidade dos seus destinos.

Aspiração sublime, que mesmo n'este desterro leva as almas a partilhar pensamentos, affectos, interesses, colloquios e alegrias com os venturosos moradores da gloria.

Balsamo delicado que a divina graça deixa correr no coração dos homens para os suavisar e amenisar-os, limando n'elles as asperezas da natural rudeza e fazendo n'elles brotar o celestial encanto de fructos agradaveis a Deus e aos seus Santos.

E' a divina graça o primeiro motor da verdadeira devoção, e, se outro fôsse, ainda depois de titanicos esforços, ella não passaria d'uma hypocrisia mais ou menos culta ou mais ou menos dissimulada.

Onde esse divino agente actua principalmente é no entendimento e no coração, dando áquelle luz, para que veja a conveniencia, e a este aptidão, para que sinta essa suavidade, que eleva como dotada d'uma celestial attracção, que as celestiaes delicias teem sobre o coração humano.

Quando a devoção converge particularmente sobre a phantasia, é muito de temer que deixe de ser real e se torne pouco e pouco imaginaria ou, melhor, phantastica.

Quando sobre os sentidos, facilmente dará em pura satisfação do nosso misero egoismo, e se tornará rasteira, atrabiliaria, intoleravel, miseravel até.

A verdadeira devoção vöa, não se arrasta, é humilde, não presumptuosa, muito caridosa, nada egoista, faz esquecer os applausos dos homens, quando se trata da gloria de Deus; os commodos proprios, quando se trata do bem dos nossos irmãos.

A devoção tem por base a humildade, que apresenta o nosso nada, como em holocausto, a Deus omnipotente.

Tem por campo a caridade, n'ella se exercita, e aquecida n'ella cresce, dilata-se e fructifica.

E' a devoção como o perfumado hálito da caridade, em que o coração se mergulha; suspiro, que vae buscando o que o coração muito deseja, porque bem o ama.

E' verdadeira, quando do coração despede tudo o que a Deus offende, e sómente a Deus vae buscando, e n'Elle o descanso, a paz, os confortos, a fortaleza e a temperança, lenitivo nas tristezas e as mais candidas alegrias acha.

Mas, para que no coração se accenda e se conserve e brilhe, para que tanto bem afague e afaste de nós tantos miseros affectos como d'ordinario nos circundam—que vigilancia e que lucta não se tornam necessarias? Eis porque os verdadeiramente devotos viverão sempre em campanha.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Santo Affonso de Liguori

CELEBRA no dia 2 d'agosto a Egreja a memoria d'um grande homem, cuja vida encheu quasi um seculo. E' necessario dar a conhecer este brillante luminar do catholicismo. Vejamos, pois, o que elle foi, e o logar eminente que occupa na sociedade christã.

Fallamos de Santo Affonso de Liguori, fundador da Congregação do Santissimo Redemptor e Bispo de Santa Agueda dos Godos, pequena diocese no reino de Napoles, declarado *Doutor da Egreja* por Pio IX em 28 de março de 1871.

Não nos propomos aqui tracejar a biographia de S. Liguori. Diremos só da sua grande auctoridade na sciencia catholica.

Apenas duas palavras:

Nasceu Santo Affonso em Napoles a 27 de setembro de 1696. Foi Bispo de Santa Agueda dos Godos desde 1762 até 1775 em que se demittiu do bispado, retirando-se á sua Congregação em Nocera del Pagani. Alli morreu a 1 de agosto de 1787. Foi beatificado por Pio VII em 1816, e canonizado por Gregorio XVI em 1839.

Celebra-se a sua memoria no dia 2 de agosto, por estar occupado o dia do seu fallecimento com outra festa de primeira classe.

Dito isto, prosigamos.

Santo Affonso é um d'esses homens singulares, que a Providencia divina faz apparecer em todos os tempos, para sustentar a fé e combater os erros que se levantam na Egreja. No seculo passado foi elle um d'esses homens.

O jansenismo offuscava então muitas verdades de fé e de moral. Além d'isso, estava em quasi todas as universidades e academias da Europa enthronizado um systema theologico, a que podemos chamar *semi-jansenismo*, bastante pernicioso á sã doutrina catholica.

Carecia-se d'um homem que tivesse força e poder para restaurar o imperio da fé e unir os espiritos desvairados.

Esse grande homem, que o ceu destina para oppôr uma poderosa barreira á liga e conjuração tramada contra a Egreja, é Santo Affonso Maria de Liguori. Verdadeiro apostolo, eximio director das almas, strenuo apologistas da religião, Liguori foi tambem profundo theologo que veio esclarecer e firmar muitos pontos da moral christã, controvertidos nas escholas catholicas.

Tão illustre por suas virtudes como por seu saber e pelas grandes coisas que obrou em favor da Egreja, é entre os santos um modelo comparavel aos mais celebres varões de que reza a historia ecclesiastica.

O doutissimo Padre Gaume, cujo testimonho é incontestavel, chama a S. Liguori o S. Francisco de Sales da Italia, grande esteio da fé e dos costumes contra os erros do seculo passado, e moderno doutor da Egreja.

E' note-se que Gaume escreveu isto muito antes que Liguori fosse proclamado solemnemente *Doutor da Egreja*.

Mas acima de tudo está a auctoridade da Egreja que elevou á classe de *Doutor a Santo Affonso, especialmente por causa da sua theologia moral*.

Ora notemos as seguintes palavras do decreto de Pio IX, de santa memoria, de 23 de março de 1871:

«Affonso afastou com seus sabios livros, e principalmente pelos ensinamentos da sua theologia moral as trevas dos erros propagados pelos incredulos e pelos jansenistas.

«Esclareceu as questões obscuras e resolveu as duvidas, traçando um caminho entre as opiniões divergentes dos theologos muito laxos ou muito rigidos, caminho pelo qual os directores das almas podem seguir sem perigo.»

Entre parenthesis: Notem bem estas palavras os que desprezam e procuram refutar as opiniões de S. Liguori em varias pontos de theologia moral. Fallamos expressamente das opiniões que se podem controverter livremente.

Pois saibam que Liguori é o unico guia seguro n'esta materia. Nenhum outro moralista offerece eguaes garantias.

Acabou o parenthesis. Mas ainda diz mais o citado decreto de Pio IX:

«Affonso poz igualmente em plena evidencia e sustentou com energia duas verdades que, n'estes ultimos tempos, foram proclamadas dogmas de fé: a Immaculada Conceição da Mãe de Deus e a Infallibilidade do Soberano Pontifice fallando *ex cathedra*.»

Muito bem. Se Santo Thomaz de Aquino é chamado o *anjo das escholas*, Santo Affonso merece ser denominado o *principe da theologia moral*.

S. Liguori, com as suas obras, principalmente as moraes, desvaneceu muitos prejuizos e erros, e, como diz o Padre Gaume, *destronizou bom numero de opiniões moraes que tinham usurpado nas escholas o titulo de preceitos incontestaveis*.

Elle reuniu no mais alto grau as qualidades essenciaes d'um verdadeiro moralista: grande santidade, grande sciencia, grande experiencia, o que se não pôde afirmar de nenhum outro theologo que escrevesse tão mindamente de todos os pontos da theologia moral.

De nenhum outro absolutamente.

Todos os Pontifices que se teem sentado em Roma depois de Bento XIV, approvador da theologia moral de S.

Liguori, tecem encomios a este insigne doutor e aos seus escriptos.

Sua Santidade Leão XIII, no Breve dirigido em 6 d'agosto de 1879 aos Padres Dujardin e Jacques, redemptoristas, chama á *Theologia Moral* de S. Liguori, «obra celeberrima em todo o universo, que traçou aos directores das consciencias uma norma segurissima.»

Notem estas palavras os que se afastam da doutrina moral de Santo Affonso, e sobre tudo os que a mettem a ridiculo.

Quando se tratou da beatificação e canonisação de Affonso, foram todas as suas obras tanto impressas como manuscritas examinadas rigorosamente, segundo as regras da Egreja; e afinal foi declarado que *nada continham digno de censura*.

Vae ainda com vista aos que impugnam fortemente qualquer opinião sustentada claramente por S. Liguori.

Qual é o theologo ou moralista que esteja nas condições de Santo Affonso? Nenhum.

Não fallamos dos Santos Padres e antigos doutores, como, por exemplo, Santo Thomaz, Santo Antonio, S. Boaventura e outros. Nenhum escreveu tão mindamente sobre todos os pontos de moral, nem com tanta clareza; e assim o seu texto é muitas vezes sujeito a interpretações, e vemos que todos os theologos os tomam por mestres.

Em consequencia d'isto, a theologia moral de S. Liguori deve ser preferida a todas as outras, tendo em vista as declarações da Santa Sé.

Esta theologia determinou os espiritos no sentido que deviam seguir; e effectivamente os theologos modernos, verdadeiramente dignos d'este nome, firmam-se na auctoridade do Santo Bispo.

Assim vemos que o Cardeal Gousset na sua excellente theologia moral segue passo a passo as doutrinas moraes de S. Liguori. O mesmo fazem Scavini, Perrone, Bonvier, Gury, Moullet, Neyraguet, Panzuti, Grassi e outros muitos bem conhecidos dos que se dedicam a esta sciencia.

E estes theologos, quando ás vezes não adoptam inteiramente uma opinião de Santo Affonso (ao que ninguem é obrigado, sendo movido de razões fortes), não censuram essa opinião, nem devem censurar, em conformidade com as declarações de Roma: *Nihil censura dignum*.

Não pôde, pois, qualquer opinião de S. Liguori ser erronea, malsocante, heretica, etc.

Mas temos ainda a notar outra coisa acerca da theologia moral de Liguori: é que pôde seguir-se qualquer opinião

d'elle só pela sua auctoridade, sem examinar as razões intrinsecas em que se funda essa opinião.

Assim responderam a Penitenciaria romana a uma consulta do Cardeal de Rohan, Arcebispo de Besançon; e esta resposta foi approvada por Gregorio XVI.

Vê-se, pois, que a theologia moral de S. Liguori é uma norma segurissima, porque no juizo da Santa Sé, auctoridade irrecusavel, nada contem digno de censura.

Por conseguinte erram aquelles que o não tomam por guia, e ainda mais aquelles que censuram qualquer opinião que elle sustentou.

De Santo Thomaz de Aquino disse o Pontífice Paulo V:

«Muito nos alegramos no Senhor de que cada vez mais se augmenta a honra e veneração do esplendidissimo athleta da fé catholica. Santo Thomaz de Aquino, por meio do qual e dos seus escriptos a Igreja militante felizmente repelle os tiros dos herejes.»

De Santo Affonso podemos igualmente afirmar que com suas obras moraes firmou muitos pontos doutrinaes que se disputavam entre os theologos.

Todos os sabios modernos, que tem competencia na sciencia theologica, louvam a doutrina moral de S. Liguori; além d'outros, contamos n'este numero o P. Joaquim Ventura, da Raulica.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO HISTORICA

O Cardeal Melchior de Polignac

TRATANDO em outro artigo do atheismo moderno, dissemos que este systema (se tal nome merece) erroneo e monstruoso nasce da perversidade do coração, como testifica a historia de todos os tempos, e confessam até homens insuspeitos.

Effectivamente, todos os que se apontam como atheus foram celebres por seus costumes depravados, por seus paradoxos e por seus absurdos. Entre elles se nota Epicuro, philosopho da antiga Grecia.

Em vão os encyclopedistas com Voltaire e Pedro Bayle, seguindo a Pedro Gassendi, tentaram demonstrar que Epicuro foi um homem virtuoso e que ensinou uma moral sã. A este parecer contradiz toda a antiguidade profana, e varios Santos Padres e Doutores da Igreja o refutaram.

Entre outros auctores que se occuparam d'este assumpto citamos o Cardeal Melchior de Polignac, que no se-

culo XVIII escreveu um elegante poema em latim, intitulado *Anti-Lucretius*. Nesta obra o grande Cardeal rebate com eloquencia e em estylo sublime os delirios dos atheus.

Daremos uma breve noticia d'este doutissimo varão, que tanto honrou a Igreja Catholica, o sacro collegio, a sociedade e as lettras, e que tem uma fama immortal nos annaes da historia.

Nasceu Melchior de Polignac em Puy (França), a 11 de outubro de 1661.

Descendia d'uma das mais illustres casas do Languedoc, circumstancia esta que de pouco valeria se o biographado se não illustrasse por suas altas qualidades do espirito e do coração. Mas devemos tambem dizer que seus paes tinham a nobreza do sangue e a da virtude, e esta ultima é a unica verdadeira sob o imperio do senso commun.

A esta familia pertencia, segundo consta, o celebre principe de Polignac, que foi ministro de Carlos X; mas não podemos averiguar este facto, que de resto nada importa para a historia do Cardeal.

Prosegamos.

Era ainda muito joven o nosso Melchior, quando seu pae o conduziu a Paris, destinando-o ao estado ecclesiastico. Alli estudou humanidades no collegio de Harcourt. Em breve se distinguio por sua assidua applicação ao estudo e por seu raro talento.

N'aquelle tempo ainda Aristoteles reinava nas escolas de philosophia: Polignac estudou esse systema, mas não deixou de estudar a philosophia de Descartes. Sobre os dois systemas tão differentes sustentou elle theses publicas, que foram muito applaudidas pelos sabios da epocha.

Em 1689, quando, por morte do Papa Innocencio XI, o Cardeal de Bouillon se dirigiu a Roma para assistir ao conclave, levou na sua companhia o Abbade de Polignac, a quem estimava pelo seu caracter e tacto reconhecido no manejo dos negocios mais arduos. O Cardeal o empregou em tudo o que dizia respeito á eleição do novo Pontífice, bem como na questão das differenças que então havia entre a Santa Sé e a côrte de França.

Polignac teve occasião de fallar muitas vezes com o novo Papa Alexandre VIII, de quem foi amado.

N'uma d'estas conferencias lhe disse o Pontífice:

«Vós pareceis ser sempre do meu aviso, e por fim é o vosso que prevalece e que me vejo obrigado a seguir.»

D'este modo conseguiu tudo o que pretendia do Papa, sendo felizmente terminadas as contestações entre a côrte pontificia e o gabinete francez, e em seguida voltou a Paris a dar conta ao rei do negocio concluido com o Papa.

Foi por esta occasião que Luiz XIV disse com referencia ao nosso Abbade de Polignac:

«Acabo de fallar com um homem, ainda joven, que me tem sempre contrariado, e que me tem sempre agradado.»

Já se pôde colligir, por esta simples enunciação, o alto merito de Polignac. Como elle possuia um talento decidido, comprovado e geralmente reconhecido para as negociações, o rei o enviou á Polonia, como seu embaixador, em 1693. Depois, retirou-se á sua abbadia de Bon-Port, onde se occupou por tres annos inteiramente de bellas-lettras, sciencias e historia.

Em 1702 reapareceu na côrte de França com mais brilho que nunca, e em 1706 foi enviado a Roma na qualidade de auditor da Rota, e conseguiu lograr a amizade de Clemente XI, como antes lograra a de Alexandre VIII.

Regressando á França em 1709, foi empregado em varias negociações diplomaticas, porque era conhecido, como temos dito, por sua habilidade para as coizas d'Estado, por seu caracter doce e em extremo amavel: foi considerado por esse motivo o primeiro homem do seu seculo. Era eminente na arte de bem fallar e de bem obrar.

Em 1712 obteve o chapéu cardinalicio e o cargo de mestre da capella do rei.

Em 1724, por morte de Innocencio XIII, foi a Roma ao conclave, onde se elegeu Bento XIII, e ali se demorou oito annos encarregado dos negocios de França.

Assistiu em 1725 ao Concilio provincial de Roma, convocado e presidido por Bento XIII: foi um dos mais distinctos Prelados d'aquella assembleia ecclesiastica.

Voltou á França em 1732, sendo recebido como o mais illustre personagem, e em seguida foi feito Arcebispo de Auch. Pouco tempo governou esta diocese, porque morreu a 20 de novembro de 1741.

O Cardeal de Polignac era dotado d'um espirito fecundissimo, muito versado em todas as sciencias e artes, e possuia uma memoria felicissima que nunca lhe faltou. Nunca hesitou sobre uma palavra, sobre um nome proprio ou uma data, sobre uma passagem de qualquer auctor que citava, ou sobre um facto por mais remoto que fosse.

A sua conversação era doce, agradável, instructiva. A sua palavra e a graça com que a exprimia encantavam a todos os que o ouviam. E depois era todo cheio de delicadeza e civilidade.

Se gostava de se fazer escutar, o que é innegavel, não é menos certo que todos gostavam ainda mais de o ouvir fallar.

Como tinha viajado muito por diversas partes do mundo, vivendo em diffe-

rentes côrtes da Europa, era sempre ouvido com agrado por todos, e a sua conversação era sempre interessantissima. Além d'isso, era homem d'uma honradez proverbial, de virtudes superiores.

Gostava de bons ditos, e até de agradecer, mas inteiramente estranho a todo o espirito de maledicencia, que elle não consentia na sua presença.

Em prova d'isto, temos um facto: Um estrangeiro, ao serviço de Inglaterra, e que vivia em Roma sob a protecção da França, jantando um dia com o Cardeal de Polignac, teve a imprudencia de fallar com pouca circumspecção sobre a religião e a pessoa do rei James II.

O Cardeal immediatamente lhe disse, com um serio misturado de doçura:

«Eu tenho ordem, meu senhor, de proteger vossa pessoa, mas não vossos discursos.»

Como dissemos, o Cardeal Melchior de Polignac compôz um elegante poema em latim com o titulo de *Anti Lucretius*, em que trata de Deus e da natureza e refuta os paradoxos do atheismo. Em versos sublimes canta o triumpho glorioso da religião e da razão.

Esta obra immortalizou o sabio Cardeal. O mesmo Voltaire, que costumava criticar quasi todos os homens sabios e litteratos, principalmente os apologistas da religião, fez justiça a Polignac, chamando-lhe *Oraculo de França, equal a Virgilio e a Platão*.

O sabio Madrolle conta o Cardeal de Polignac entre os homens celebres eternamente por sua habilidade na arte de escrever e de fallar. Elle foi a gloria da Egreja e o ornamento das sciencias.

Concluiremos esta breve noticia acerca do Cardeal de Polignac, fazendo notar que os Cardenas teem sido, em geral e em todos os tempos, ainda nos mais difficeis e desordenados, os mais sabios, mais virtuosos e mais celebres de todos os homens.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSIEUR RICARD, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado de pag. 137)

MPOIS em vão que, recorrendo á magia dos processos litterarios em que v. ex.^a é mestre, v. ex.^a insiste

em nos fazer compartilhar do hypnotismo, ao qual subinette tambem o seu tão singular Padre Pedro.

«Elle prezava—diz v. ex.^a—mais Bernadette pelo encanto da sua allucinação, do que essa Senhora d'um tracto tão gracioso, perfeitamente amavel, cheio de delicadeza ao apparecer e desaparecer. O clarão mostrava-se primeiro, depois fornava-se a visão, ia, vinha, inclinava-se, mudava de logar com um movimento invencivel e ligeiro; e, quando ella se eclipsava, o clarão durava ainda um momento, mas extinguiu-se como um astro que morre (pag. 106.)»

Oh! não, a fórma do hypnotismo nunca foi indecisa ou fluctuante como o sonho.

«Quando ella compareceu, pela vez primeira, perante Jacomet, commissario de policia, Bernadette narrou claramente e com precisão a primeira apparição. Entrou em todas as minucias d'idade, de vestuario, de physionomia da Senhora, e fel-o—diz o sr. Estrade—com uma simplicidade tão convicta, que a sua sinceridade não podia ser posta em duvida.

«—Mas, enfim, conheces essa Senhora?»

«—Não, não a conheço.

«—Dizes que ella é bella. Mas bella como?»

«—Mais bella que todas as senhoras que eu tenho visto.

«—Essa senhora anda, fala ou está firme no seu logar como uma imagem d'egreja?»

«—Ella move-se, sorri e fala como nós; perguntou-me se eu queria fazer-lhe o obsequio de voltar durante quinze dias á Gruta.

«—E que respondeste?»

«—Que lá iria.

«O commissario começou a tomar apontamentos e procurou fazer cair a vidente em contradicção.

«—Disseste que a Senhora tem de senove a vinte annos d'idade?»

«—Não, disse que tem deseseis a desesete.

«—Que ella tinha um vestido azul e um cinto branco?»

«—Não, é o contrario: vestido branco e cinto azul.

«Bernadette referiu todas as minucias da sua primeira narrativa sem cair na mais ligeira contradicção.

«Jacomet viu que nada podia conseguir por aquelle processo.

«Começou pela persuasão e acabou pela ameaça.

«—Vaes prometter-me que não voltarás á Gruta.

«—Mas eu prometti á Senhora que voltaria lá!

«—Se me não promettes que voltarás á Gruta, mando-te prender.»

«A joven ficou impassivel.

«Este interrogatorio teve uma testemunha: o sr. Estrade, recebedor das contribuições indirectas, que habitava na casa do commissario. A narrativa da criança pareceu-lhe extraordinaria.

«—Isto não é d'ella—lhe dizia Jacomet—está mui bem ensaiada.

«—Contudo—respondeu o sr. Estrade—o quadro que ella viu está bem impresso deante de seus olhos; reproduzindo-o, elle copia-o admiravelmente.

«—E' um erro, a rapariga apenas recita.

«—Mas coisas ha que se não imitam. E, além d'isso, com que fim se forjaria esta historia?»

«O futuro nol-o dirá!»

E o nome!...

Evidentemente o nome preoccupou v. ex.^a

«Até aqui—diz v. ex.^a—todas as palavras cahidas do céu se assemelhavam: incitamento á penitencia, promessas d'auxilio divino; de novo não havia até agora senão esta extraordinaria declaração: «*Eu sou a Immaculada Conceição*», que surgia como o util reconhecimento pela propria Santissima Virgem do dogma promulgado em Roma, tres annos antes. Não era a Virgem que apparecia, mas a Immaculada Conceição, a propria abstracção, a coisa, o dogma, de sorte que se poderia perguntar se a Virgem falára assim. As outras palavras, era possivel que Bernadette as houvesse ouvido e conservado n'um canto inconsciente da sua memoria. Mas d'onde vinham estas, que traziam ao dogma ainda discentido o prodigioso apoio do testemunho da Mãe concebida sem peccado?»

Tem v. ex.^a razão!... O fim de v. ex.^a não é—e ingenuo seria discutil-o—levar-nos a crer na realidade da revelação d'este nome extranho, abstracto, dogmatico. Mas, como v. ex.^a diz, d'onde é que elle vinha? (1)

Estava-se no dia 25 de março de 1858.

«A joven acabava d'ouvir de novo essa voz que a attrahia d'um modo irresistivel para a Gruta. Tomou immediatamente o caminho das rochas Massabiellles (2). O seu rosto brilhava d'esperança. Ella sentia em si mesmo—nos diz Lasserre—que, deante de seus olhos maravilhados, o Paraizo ia mais uma vez entreabrir as suas eternas portas.

(1) O sr. Zola confunde o dogma da Immaculada Conceição de Maria com o dogma da maternidade virginal da Mãe de Christo, e tira a phonomical conclusão de que a Egreja decretou «que a mulher não é digna d'um culto senão com a condição de ser virgem!!!...» (pag. 582).

(2) Lasserre, *Bernadette*, pag. 173.

«Este agradável presentimento não a illudira. A voz, que a chamava, era na verdade a voz da Virgem fiel.

«Apenas a menina ajoelhou, a apparição manifestou-se. Como sempre, brilhava em redor d'ella uma aureola ineffavel, d'um esplendor sem limites e d'uma doçura infinita. Como sempre, o seu véo e o seu vestido de modestas pregas tinham a brancura da neve: o seu cinto era azul como o firmamento.

«Bernadette tinha já algumas vezes pedido á Senhora mysteriosa que lhe dissesse o nome; mas apenas obtivera sorrisos.

«Lembrando-se n'esse novo extase que o parcho de Lourdes lhe recomendará com insistencia que lh'o perguntasse, ella disse: «Senhora, quereis ter a bondade de dizer-me quem sois?

«A visão sorriu e não respondeu. A menina repetiu tres vezes o pedido. A' terceira vez, a Virgem desviou a vista da menina, afastou as mãos e deixou deslizar no braço direito o seu Terço. As mãos estendidas juntaram-se deante do peito. O seu olhar fixou-se no céu com um sentimento d'indizível amor.

«Pronunciou então estas palavras:

«*Eu sou a Immaculada Conceição.*»

«Sem um olhar sobre a menina, sem um sorriso, sem o adeus costumado, desapareceu na mesma attitude, deixando o seu nome a Bernadette.

«A joven não podia comprehender esse nome, e repetia-o durante todo o caminho, a fim de repetir ao parcho de Lourdes as palavras exactas da visão.

«A Virgem vinha assim confirmar o ultimo dogma definido por Pio IX. Vinha tomar, por seu nome, o glorioso privilegio que o mundo catholico lhe outhorgára ha quatro annos.

«D'este modo a palavra do céu acompanhava as reclamações da terra e associava a peregrinação de Lourdes ao acto mais solemne que a Igreja realisára em honra da Mãe de Deus.

«Depois das 12 horas da manhã d'esse dia, nós, eu e minha irmã—diz-nos o snr. Estrade—recebemos a visita de Bernadette. Reproduziu-nos ella a scena occorrida de manhã, repetindo-nos as palavras da visão. Dizia ella então: *Con-che-ção*, e nós ensinamos-lhe a pronunciar esta palavra. Perguntou-nos com muita simplicidade o que significava esta expressão. Bernadette sabia que esta denominação se applicava á Santissima Virgem, mas não lhe comprehendia o sentido litteral.

«Este ingenuo pedido prova-nos cabalmente que esta phrase não era invenção da menina; porque, se se mente—acrescenta o snr. Estrade—é com palavras conhecidas, e não com palavras cujo sentido se não comprehende.»

Antes de cerrar esta longa mas importantissima carta, deixe-me v. ex.^a falar de novo do «milagre da velinha», de 7 de abril, dia da penultima apparição, «essa velinha—diz v. ex.^a—sobre a qual a vidente conservou por muito tempo a mão inadvertidamente, sem a queimar.»

N'aquelle dia, Bernadette tinha na mão uma vela accesa, que pousava em terra; durante o extase, aproximou as mãos e os dedos cruzaram-se sobre a chamma, envolvendo-os na especie de abobada que os separava. A vela ardia; a chamma mostrava a lingua entre os dedos, activada n'aquelle momento por um vento assás forte. Mas esta chamma não pareceu produzir-lhe na pelle, que attingia, nenhuma alteração.

Admirado d'este facto singular,—diz o snr. Dozous—impedi que alguém o fizesse cessar; e, tirando o relógio do bolso, pude, durant um quarto d'hora, observá-lo perfeitamente. Terminada a oração, Bernadette levantou-se. Dispunha-se a afastar-se da gruta, mas deteve-se um momento e pedi-lhe que me mostrasse a mão, que examinei com rigoroso cuidado. Não encontrei n'ella o menor signal de queimadura. Procurando então por surpresa collocar a chamma da vela sob a mão de Bernadette, ella a retirou bruscamente, dizendo-me: «Vêde que me queimaes.» Um dos contradictores, o dr. Diday, escreveu:

«A 5 d'abril, Bernadette teve, durante um quarto d'hora, as mãos sobre a luz d'uma vela accesa, sem dar por isso. Hoffmann verificou que, durante os accessos, os *sujets* se tornam insensíveis.»

Antes d'eu o dizer, já se disse (!): um medico não tem o direito de confundir assim a lesão com a dôr que ella provoca.

«Bernadette em extase poderia perder o sentimento da dôr; é um phenomeno que se observa nas doenças nervosas, sob a influencia do hypnotismo, com o chloroformio, a cocaína, etc. A anesthesia pôde ser produzida em condições physicas determinadas, interpretada d'uma maneira natural; mas a queimadura, a destruição dos tecidos pelo calor produz-se sempre fatalmente e independentemente da dôr. Aproximae um ferro em braza d'um cadaver e carbonisareis os tecidos; um ferro candente d'uma pessoa adormecida pelo chloroformio e queimal-a-eis; ponde durante um quarto d'hora uma mão em contacto com a chamma d'uma vela, e, tenhaes ou não consciencia d'isso, a epiderme, a pelle, mesmo as partes pro-

fundas ficarão ennegrecidas, destruidas, queimadas.»

Procure, pois, v. ex.^a todas as explicações possíveis d'um facto que teve por testemunhas todas as pessoas presentes, e testemunhas a tal ponto que, se não fôra a intervenção do dr. Dozous, as pessoas mais proximas da menina lhe teriam tirado a vela das mãos; accumule as hypotheses: jámais v. ex.^a conseguirá demonstrar, d'uma maneira plausivel, como, n'estas condições, as mãos de Bernadette ficaram intactas.

E' esta a conclusão do dr. Boissarie. Será tambem esta, segundo creio, a de todos os espiritos sinceros.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre a nullidade d'um matrimonio por ter havido o impedimento de força e medo.

POR obra e coacção de sua mãe, mais que por affecto e vontade, Anna contrahiu matrimonio em 1870 na igreja de M. As consequencias foram deploraveis: Depois de muitas discussões e desgostos, a mulher abandonou seu marido (apezar de já ter um filho), e refugiu-se em casa de sua mãe, recorrendo ao mesmo tempo ao tribunal ecclesiastico de M. para pedir a nullidade do referido matrimonio, por ter sido contrahido com impedimento de força e medo.

Com effeito o tribunal declarou em 1876 a nullidade solicitada; mas como o negocio foi remettido em appellação ao tribunal de T., este revogou a sentença do inferior, fundando-se sobretudo em que, «se a auctora foi violentada, como ella e seus parentes e testemunhas expõem, o matrimonio ficou firme pela mutua cohabitação de longo tempo, segundo o capitulo 21, livro 4, titulo 1, de *Spons. et mat.*; apezar da esposa ser entregue ao esposo com violencia, tendo vivido juntos anno e meio, suppriu isto qualquer defeito que no principio houvera, devendo continuar com seu marido» etc.

Ao saber isto, a esposa affligiu-se tanto que ficou louca. Abraçou a seita lutherana e recorreu ao tribunal lutherano de P. para que se declarasse a nullidade. Contrahiu matrimonio com um *pastor* (assim lhe chamam) lutherano, apenas recobrou as faculdades mentaes.

Então o marido, lamentando amargamente a sua desgraça, determinou continuar o expediente seguido no tribunal ecclesiastico de M., que decla-

(!) Boissarie, obra cit., pag. 49 e 57.

rou a nullidade do matrimonio, e acudiu á Sag. Cong. elegendo advogado que o defendesse; allegaram-se as razões favoráveis á nullidade e ouviu-se o dictame do defensor dos matrimonios, propondo-se por fim a questão á Sag. Cong. nos termos seguintes:

« Se a sentença da Curia de T., favorável á validade do matrimonio, se deve confirmar ou revogar »; e a dita Sag. Cong. dignou-se resolver em 24 de janeiro de 1883: « Do allegado não consta com a devida clareza a nullidade do matrimonio. »

DEDICÇÕES

1.^o — Todo o matrimonio celebrado na forma prescripta pelo santo Concilio de Trento tem a seu favor a presumpção do direito; o que allegar em contrario o medo, deve provar-o.

2.^a — Segundo dictame dos auctores, não existe o medo, ou desapareceu, quando não assistiu ao matrimonio a pessoa inculpada de ter feito violencia, concorrendo só amigos e parentes; toda a prova em contrario não se reputa nulla, não sendo clarissima e evidente.

3.^a — Não torna nullo o matrimonio um medo qualquer; exige-se medo grave, para o qual os canonistas exigem communmente cinco condições.

4.^a — N'este caso provou-se que a mãe, supposta auctora da violencia, não presenciou a celebração do matrimonio, nem que antes ameaçou sua filha com a sua indignação e perda da herança, cuja quantia se ignora, no caso de se não sujeitar ás suas exigencias.

5.^a — Os matrimonios devem ser livres da pena de damno; porém não da do lucro. D'onde se segue que contrae validamente quem o faz movido do temor de perder o lucro.

6.^a — N'este caso as ameaças procediam só da mãe; assim o medo nasceu da pena de perder o lucro, não da pena e damno, pelo que toca á herança do pae, o qual com reprehensões quizesse obrigar sua filha a contrahir o determinado matrimonio.

SECÇÃO LITTERARIA

Tantum ergo

A tão grande sacramento
Demos, pois, adoração;
Ceda o antigo documento
A tão santa instituição;
Ao sentido supplemento
Dêem a fé e a devoção.

Gloria ao Padre Omnipotente,
Gloria ao Filho Redemptor,
E ao que d'ambos procedente
É-lhes vinculo d'amor,
Tributemos egualmente
Gloria, jubilo e louvor.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Dies irae

Dia d'ira e de surpresa
Em que o mundo será preza
Do fogo, David resa.

Que terror será o do homem
Quando já de Deus assomem
As iras e contas tomem.

Da trombeta o tal sonido
Em todo o logar querido
Que ao juizo chama temido.

A morte mesma se espanta
Quando o morto se levanta
É ante o seu juiz se planta.

Abre-se o livro sellado
Em que tudo está lançado
Para ser alli julgado.

E apenas o juiz se sente
Tudo alli será patente,
Nada passa impunemente.

Que fazer n'aquelle apuro,
Que padrinho alli procuro,
Onde está o justo inseguro?

Rei de Magestade immensa
Que expiastes toda a offensa,
Vosso amor minha defensa.

Recordae, Jesus divino,
Vos louvei, Deus uno e trino,
Não me deis fatal destino.

Me buscastes fatigado
E na cruz fui resgatado,
Faz triumphar tanto cuidado.

Justo vingador do vicio
Dae-me esse perdão propicio
Do juizo em antes do indicio.

Pobre reu delinquente,
Me cobre o rubor a frente,
Perdoae-me, Deus clemente.

Magdalena perdoastes,
Ao bom ladrão escutastes
E esperar em Vós mandastes.

Digno, sei, não é meu rogo,
Mas vossa vontade advogo,
Do inferno livrae-me logo.

Entre os bons logar presta-me,
Jesus, dos maus separae-me
E á vossa dextra sentae-me.

Confundidos os malvados
E ao fogo eterno lançados
Chamae-me com os amados.

Rogo-vos, Deus, suspirando
Mui constricto o pó beijando
Me leveis, meu fim buscando.

Que dia aquelle de pranto
Surgindo com grande espanto
Para o juizo os homens reus,

Perdoae-lhes, Santo Deus;
Jesus, que sois tão clemente,
Salvae-os eternamente.

Amen.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

A Irmã da caridade

(TRADUÇÃO DE M. F.)

Qual é o anjo que vela
Longe do ruido do mundo
O leito do moribundo,
Orando em santo fervor?
E' uma debil mulher,
De branca touca adornada;
Alma privilegiada
Que arde em divino amor.

Hontem renunciou prazeres,
Fortuna, familia, lar;
No mundo podia brilhar
Essa Irmã da caridade;
Por todos mui estimada,
E' a avesinha innocente
Que repousa docemente
No bosque da soledade.

Ao brilhar o novo dia,
Trina alegre com a aurora,
E o favor de Deus implora
Com amoroso fervor;
E ao leito do desgraçado
Vae, paciente e carinhosa,
Curar ferida horrorosa
E suavisar-lhe a dôr.

Com infatigavel zelo,
Terna contempla e tranquilla
A dilatada pupilla
Do que, breve, ha de expirar;
E com accento sublime
Sua voz o alenta, inspirada
Na terrivel jornada
Que com fé se deve olhar.

E descansando em seus braços
O moribundo abatido,
Balbucia enternecido
Seu ultimo adens de dôr...
Mas então, mulher sublime,
E' tua alma forte e pura,
Modelo fiel de ternura,
De sacrificio e amor.



S. BERNARDO, ABBADE E FUNDADOR

A' voz da triste miséria,
Entre perigos e azares,
Sulcas procelosos mares
Escudada em tua virtude;
E em afastadas regiões
Onde Deus não é amado,
O teu nome é respeitado,
Bem como tua attitude.

Teu descanso na fadiga
E' orar com zelo santo;
E's do mundo o doce encanto
E do céu o és também;
E em religioso silencio
Tua alma pura e amante
E' o perfume fragrante
Da ara do Summo Bem.

QUITERIA VARGAS MAHIN.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Sabinianus ou os primeiros apóstolos da Gallia, é uma narrativa religiosa em forma de romance, escripta por G. Guenot, traducção do redactor do *Progresso Catholico*, que o sr. Aloysio Gomes da Silva, livreiro-editor, acaba de publicar.

A narrativa é muito interessante: refere-se aos episodios da implantação do Christianismo na Gallia nos primeiros tempos da Igreja, traçando o perfil d'esses apóstolos, bem como o de Nero, Agrippina e outros vultos da Roma pagã que enlameiam as paginas da historia.

O livro, que tem 240 paginas e é impresso em bom papel, custa 500 réis; pelo correio, 540.

O rev.^{mo} sr. Padre Roberto Maciel escreveu um precioso livrinho, a que poz o titulo de — *Lourdes, critica d'um romance historico*, que é uma refutação, ligeira mas substancial, do *Lourdes*, de Zola.

O livrinho do sr. Padre Maciel, que, apesar de joven, é já um escriptor primoroso, lê-se com muito agrado. São 64 paginas de leitura amena e instructiva.

Pelo indice se pôde fazer ideia das materias de que trata. Eil-o:

A Virgem Immaculada de Lourdes, (poesia). — Duas palavras. — Emilio Zola; quem é? Sua imparcialidade. — *Lourdes*. — Sua reconstituição historica. — *Os milagres*. Incompetencia da applicação scientifica. — *Romance*. Seu merito. — Uma pergunta.

Recommendamos a leitura d'este livro.

r-
o
o
r-
a
e-
ia
i-
a
o
o
os
e-
os
o-
a-
s-
ir
rd
te
is
li-
n-
a-
r-
ro
a,
hs
ii-
a-
s-
g-
de
ii-
p-
ha
ou

fi-
La
La

os
sa
u-

a-

li-
so
re-
ia-
a

et-
el-
as

É seu editor o snr. Laurindo Costa, a quem agradecemos a offerta. O livro custa 200 réis.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Assassinato de Saint-Blamont

(Vid. pag. 143)

Saint-Blamont era um agente da policia real, que, sabendo que as Lojas Maçonicas conspiravam ou pelo regresso de Napoleão I, que se achava na ilha d'Elba, ou pelo restabelecimento da republica, quiz reunir as provas da conspiração, e para isso apresentou-se á iniciação, em janeiro de 1815, n'uma Loja de Paris.

Não se sabe se este agente commetteu alguma imprudencia ou se se deixou surprehender pelos mações em flagrante delicto de conspiração. O que se sabe é que o seu assassinato foi decidido pelos Irmãos das Lojas.

Vejamos como este assassinato se realisou, segundo as informações de Léo Taxil nos *Mysterios da Franc-Maçonaria*:

Fizeram-o passar pelas provas ordinarias do grão d'Aprendiz, como se nada houvesse, em companhia de mais outros dous neophytos. Foi communicada a luz aos tres recipiendarios. Feito isto, os dois novos Mações, iniciados ao mesmo tempo que Saint-Blamont, foram convidados a retirar-se; o agente ficou só, declarando-lhe o veneravel que a loja tinha a fazer-lhe uma communicação particular.

Então a scena mudou.

Logo que convenceram o pobre diabo da sua impotencia, logo que lhe provaram que era um espião e que a policia não o salvaria, condemnaram-o á morte.

Pronunciada a sentença, lançaram-se sobre elle, e apesar da sua resistencia desesperada, ligaram-o com cordas até não poder mover-se; em seguida amordaçaram-lhe a bôcca.

Tiveram o cuidado de fazer a recepção n'uma cava do local maçónico. O lugar era objecto de reparações importantes; sem duvida transformavam-o em vista das iniciações nos grãos capitulares de Real Arca e de Grande Escocoz da Abobada Sagrada. Cinco fustes de columnas massiças e enormes levantavam-se do sólo até á abobada, a espaços designaes, e aqui e além viam-se outras inacabadas, que se elevavam só tres ou quatro pés do chão e eram vãs.

Saint Blamont foi levantado e collocado de pé n'um d'estes pilares cavados. Em seguida outros Irmãos, trazendo argamassa e pedras, começaram a con-

strucção homicida. O desventurado agente foi intaipado: afogaram-o em argamassa e emparedaram-o com quartos de pedra.

Algumas semanas depois, cahia o throno de Luiz XVIII, e não se occuparam mais do desaparecimento do agente de policia; e só depois dos Cem Dias se puzeram em acção, sendo as investigações infructiferas. O crime só foi conhecido mais tarde pelas revelações d'um dos assassinos do general Quesnel.

S. Bernardo, abbade e fundador

(Vid. pag. 151)

A Egreja manda que se rese de S. Bernardo, primeiro abbade de Claraval, a 20 d'agosto.

S. Bernardo nasceu em 1091, na povoação de Fontaines, provincia de Borgonha, diocese de Langres (França).

Para conservar a innocencia, que corria perigo no mundo, entrou para a Ordem de Cister. Acabado o noviciado, fez Bernardo a sua profissão, em abril de 1114, nas mãos do santo abbade Estevão, juntamente com trinta noviços que o haviam seguido, entre os quaes seus irmãos.

Com os annos, foram crescendo em Bernardo os desejos d'uma alta perfeição. Foram tantos os que concorreram ao seu mosteiro, movidos da reputação de S. Bernardo e dos exemplos dos seus trinta companheiros, que foi preciso mandar muitos d'elles povoar outros desertos.

O santo abbade escolheu S. Bernardo para ir fundar a colonia de Claraval, que em breve tempo se tornou mais illustre e numerosa que a matriz. Todos os dias chegavam novos soldados de Jesus Christo, que vinham alistar-se sob a bandeira de Bernardo. Reis, Bispos e principes de todas as partes concorriam a tomar seus conselhos. Em pouco tempo, Claraval converteu-se em escola de religião e em seminario de santos.

S. Bernardo, apesar da sua depauperada saude e das continuas mortificações, conseguiu fundar 106 mosteiros em diferentes provincias da christandade, não só em França, mas em Portugal (em Tarouca), na Saboya, Italia, Escocia e Allemanha.

Foram importantes os serviços que S. Bernardo prestou á Egreja.

Pacificou povos, Bispos e Reis entre si. O Papa Honorio II mandou a França na qualidade de legado o Cardeal Matheu para que celebrasse um concilio em Troyes e quiz que S. Bernardo assistisse a elle.

Foi S. Bernardo que elaborou os estatutos da ordem militar dos templarios.

Quando rebentou um seisma, devido á ambição de Pedro de Leão, que tomou o nome de Anacleto, contra Innocencio II, legitimo Pontifice, obrigaram S. Bernardo a comparecer nos concilios de Clermont e de Etampes, e encarregaram-no de decidir sobre as eleições de Innocencio e de Anacleto.

Depois de maduro exame, S. Bernardo mostrou-se favoravel ao Papa Innocencio e todo o concilio abraçou e venerou como um oraculo a decisão do santo, declarando por anti-Papa Anacleto. O mesmo partido seguiram a Allemanha, Inglaterra e Hespanha.

O dom dos milagres acompanhava-o por toda a parte.

Emfim, se fossemos a relatar tudo o que o santo fez em favor da Egreja e os negocios em que interviu, resolvendo-os satisfactoriamente, precisaríamos d'algumas paginas.

Depois de muitos trabalhos, expirou no dia 20 d'agosto de 1753, entre os braços dos seus religiosos de Claraval, em presença de grande numero de Bispos e abbades, que de todas as partes alli foram para receber a sua benção. Tinha 63 annos d'idade, 40 de vida religiosa e 38 de abbade. Vinte annos depois foi canonisado pelo Papa Alexandre III.

Pio VIII declarou S. Bernardo doutor da Egreja universal e mandou que se lhe resasse a missa e officio dos doutores.

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu no dia 13 de julho, com 64 annos d'idade, na sua casa de Villa Nova da Silveira, a exc.^{ma} snr.^a D. Genoveva Rosa Pereira Dantas Carvalho, virtuosa esposa do nosso presado assignante, snr. João Manuel Pereira de Carvalho, cunhada estremitissima dos rev.^{mos} snrs. Padres Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e José Antonio Pereira de Carvalho, digno Capellão da Senhora da Agonia de Vianna do Castello, tambem assignantes do *Progresso Catholico*.

A finada senhora morreu confortada com todos os Sacramentos da Egreja.

Foi esposa fidelissima e mãe muito estremosa, que soube crear e educar seus filhos christamente. Era um modelo de virtudes.

A' familia dorida enviamos os nossos pesames, e aos leitores pedimos por caridade as suas orações por alma da finada senhora.

RETROSPECTO

As selvagerias em Lisboa

Os nossos leitores já devem saber, porque toda a imprensa tem falado no caso, que no dia 30 de julho a canalha de Lisboa se lançou em desenfreada correria pelas ruas da capital, insultando e espancando todos os sacerdotes que encontrava, a pretexto de que o *jesuitismo* andava roubando crianças para extrahir d'ellas oleo humano.

Uma das victimas da multidão desorientada foi o rev.^{mo} snr. Padre Sena Freitas, que ficou bastante ferido.

Seria espontaneo este odio da população contra o *jesuitismo*? Não.

A manifestação foi bem trabalhada. Prova-o o facto de se ter reproduzido em logares distinctos quasi ao mesmo tempo.

Quem a promoveu? Não é difficil a resposta: os jacobinos e mações.

O centenario antoniano exasperou esses filhos de Satanaz. Desde as festas, e mesmo antes d'ellas, a imprensa jacobina e maçonica acirrava as massas contra a religião e o clero. Como as desordens na procição antoniana não produziram os desejados resultados, machinaram na sombra dos antros maçonicos aquella vergonhosa campanha de perseguição ao clero, pretextando, para agitar a massa bruta, que os jesuitas apanhavam crianças para extrahir d'ellas oleo humano!

Isto nem os cafres acreditariam! Mas acreditou-o a ralé do povo de Lisboa!

Parece incrível!

O plano jacobino e maçonico produziu o resultado desejado. Algum povo-
leo percorren as ruas armados de paus e bengulas e desancaram quantos sacerdotes encontraram e até um individuo que o não era, mas parecia-o por trazer barba rapada.

Os jornaes jacobinos, enebriados com a victoria, narraram os *heroicos* feitos no dia seguinte, e não tiveram uma palavra de censura para os miseraveis que assim attentaram contra a liberdade individual d'indefezados sacerdotes. Alguns chegaram a dizer—ó estupidez ou velhacaria humana!—que lhes não repugnava acreditar que fosse verdade o que a canalha attribua aos jesuitas, isto é, que elles andavam pela cidade a arrebanhar crianças para as derreter e extrahir oleo humano!

Deus, porém, escreve direito por li-

nhas tortas. Permittiu que jacobinos e mações levassem á realisação o seu nefando plano, mas não consentiu que a victoria fosse completa.

Todos os jornaes que não pertenciam á jacobinagem e á maçonaria condemnaram, como deviam, aquelles attentados, e os jacobinos e mações, em vez das palmas do triumpho, que esperavam colher, só colheram maldições das pessoas honradas. Em toda a linha lavra profunda indignação contra esses miseros, que, para satisfazerem o seu odio de seita, não duvidaram enlameiar a cidade de Lisboa perante as nações civilisadas, dando-lhes um espectáculo que raro dão os povos barbaros.

A derrota, n'esta parte, foi monumental. O plano miseravel é condemnado geralmente.

O clero, como lhe cumpria, protestou contra as selvagerias de Lisboa. Começou pelo de Braga o protesto—honra lhe seja!—e tem-se alastrado pelas cidades e villas do Minho.

O protesto é alguma coisa; mas, a nosso vêr, é pouco.

O que é preciso é união, união do clero com os Prelados, união dos seculares com os sacerdotes. União forte, vigorosa, sem exclusivismos, todos por um, um por todos.

D'esta reacção nascerá a tão suspirada união catholica? Deus o queira!

Se nascesse, era caso para agradecermos aos jacobinos e mações a sua campanha de 30 de julho.

A união é hoje mais necessaria que nunca. Se não se fizer, será de fataes consequencias e terão que dar severas contas a Deus aquelles que a impedirem ou a não secundarem.

Os jacobinos e mações já se não contentam com negar aos catholicos a liberdade, de que gosam: querem, como se viu, fazel-os mudar de caminho e entrar a sua propaganda religiosa por meio do cacete.

Se não nos unirmos para resistir a esta horda de selvagens, amanhã não só nos espancarão, mas prohibir-nos-hão que frequentemos os templos e eduquemos christãmente os nossos filhos. Pois se elles até já pedem ao governo que mande fechar todos os collegios catholicos!

Acordemos pois! Unamo-nos em nome de Deus para salvar a Igreja de Jesus Christo e para defendermos os nossos direitos.

Unamo-nos porque, além de ser uma necessidade para o nosso bem estar, Deus assim o quer.

A' união, pois, catholicos!

Os judeus na Europa

Um jornal francez publica a cifra total da população israelita que existe em

tudo o mundo. Os judeus estão dispersos, e, dos que ha na Europa, 3.400.000 correspondem á Allemanha, 2.552.000 á Russia, 1.664.000 á Austria-Hungria, 18.000 á França, 104.000 á Turquia, 265.000 á Rumania, 10.000 á Bulgaria e 7.000 á Suissa. Nos demais paizes é escassissimo o numero de judeus. Na Turquia asiatica ha 195; na Persia, 18.000; na India, 19.000; na Russia asiatica, 47.000; na China, 100, e na Asia Central, 14. Na Africa ha 200.000 israelitas, 8.000 no Egypto, 6.000 em Marrocos, 5.000 em Tunis e 6.000 em Tripoli. Dos 250.000 judeus que habitam na America, quasi todos (230.000) vivem nos Estados Unidos.

A riqueza dos judeus é fabulosa.

Na Hungria, a quarta parte dos votos reservados aos maiores proprietarios correspondem aos judeus. Conquistaram a capacidade legal d'adquirir bens immoveis em 1848.

Na Bohemia, só a casa de Rotschild possui a quarta parte das terras que foram patrimonio das 60 familias mais antigas do reino. Concedeu-lhes o direito d'adquirir immoveis em 1882.

Em Galitzia, em pouco mais de vinte annos os filhos d'Israel agambarearam 80 por cento da propriedade territorial.

Em Italia são senhores das quatro quintas partes da provincia de Padua, além de terem importantes hypothecas na quinta parte restante.

Em França havia em 1791 um milhão de judeus. Graças á famosa declaração d'egualdade de direitos, hoje passam de 100.000. O capital francez oscilla entre 150 e 200.000 milhões de francos, dos quaes cerca de 90.000 milhões, ou seja quasi metade, estão em poder dos judeus.

Os jornaes de mais circulação na Europa, ou são propriedade sua, ou são inspirados por elles.

Na Italia a imprensa chamada officiosa pertence-lhes exclusivamente: *La Riforma, Il Diritto, L'Opinione, La Capitale* e outros.

Em França dispõem quasi de todos os jornaes republicanos: a imprensa pornographica é explorada quasi exclusivamente por elles.

Decimo terceiro Congresso Catholico Italiano

As varias commissões trabalham diligentemente, segundo lemos no nosso collega *L'Osservatore Cattolico*, na preparação do Congresso Catholico Italiano, que se effectuará em Turim de 9 a 13 de setembro proximo.

Os numerosos Prelados, que prometteram honrar com a sua presença aquelle Congresso, serão recebidos em casas preparadas pela commissão.

Protesto do clero de Braga

O protesto que o clero de Braga enviou a El-Rei contra as selvagerias do dia 30 de julho em Lisboa é concebido nos seguintes termos:

Senhor:—Peranto Vossa Magestade apresentamos o nosso protesto solemne e energico, como um brado unisono de justiça, contra os insultos de que foram victimas n'essa capital, no dia 30 do mez findo, alguns dos nossos irmãos no sacerdotio.

Injustamente perseguidos pela população assalariada, pois que os nossos crimes outros não são do que promover com dedicação e zelo a restauração da ordem e da paz social, que só pôde ser effizientemente garantida pela religião de que somos apóstolos, e recebendo todos, pela fraternidade que nos une e porque a todos foi tambem dirigido, a vileza da affronta, protestamos, em nome da verdade ultrajada e do modo como se corresponde aos nossos desinteressados serviços, contra tão flagrante injustiça e revoltante insulto.

Não podeis vós, Senhor, deixar de prestar séria attenção á gravidade do momento. Estamos nas mãos de gente sem lei nem consciencia, sem respeito nem educação; nas mãos dos mais encarniçados perseguidores da religião e portanto dos inimigos declarados das venerandas tradições do vosso throno.

Nós não queremos e muito menos provocamos a lucta, mas não a receamos, se a ella formos arrastados, porque é n'ella que se afervora a nossa força: não tememos o martyrio, porque é elle o mais sublime realce da nossa causa. Preferimos a crueldade de Nero á hypocrisia de Juliano. E' por isso que detestamos essas conspirações tramadas na sombra e movidas por um odio implacavel contra nós que, arvorando sempre a bandeira da verdade, somos obstaculo ao livre curso de doutrinas, pervertidas e perversoras, e impedimos assim a realisação de seus sinistros planos.

E' symptomatico o acontecimento que se deu em plena capital. E' o bramir temeroso da tempestade de principios subversivos da ordem commum contra a qual se revolta já abertamente o monstro do moderno socialismo, começando pela guerra á auctoridade, guerra que envolve o throno e o altar. E são contra nós, porque não podem ouvir a nossa palavra que outra coisa não diz nem prega senão respeito á auctoridade legitima, respeito singularmente recommendado nas Sagradas Lettras.

Este nosso brado de indignação estende-se tambem ás perniciosas consequencias, que certamente derivariam da impunidade de tão revoltante attentado, quaes as de soffrer tambem o capital, que é o segundo fim, que visa a dissolvente doutrina do socialismo. Se

a caridade nos obriga a perdoar a affronta a nós dirigida, o bem social, que devemos e queremos promover, exige que pensemos no futuro.

Providencias, Senhor, energicas providencias para atalhar ao incendio que se propaga.

Providencias para ser effizientemente protegida a propria liberdade tão falsa e miseravelmente comprehendida.

Filhos da verdadeira liberdade e seus apologistas convictos, preparamos e acompanhamos os seus mais legitimos triumphos.

Não somos, como mentirosamente se affirma, seus inimigos, nem da civilisação. Proval-o é reproduzir assumpto esgotado.

Acceptae, Senhor, o nosso protesto sincero e legitimo, e sêde por nós, que tambem somos os mais dedicados patriotas, os mais fervorosos amigos e defensores da vossa realceza e da vossa auctoridade, porque a realça e recommenda o principio d'onde deriva, que é Deus.

D. Deão Monsenhor Manuel Martins Alves Novaes, Conego Domingos Moreira Guimarães, Conego João Nunes da Costa, Desembargador João Nepomuceno Pimenta, Desembargador Joaquim Domingues Mariz, Abbade José do Egypto Vieira, Padres Francisco José Duarte Macedo, José Joaquim Pinto (abbade de Nogueira), Bento J. e Sá Velloso (reitor da Morreira), Luiz Gomes da Silva, João Baptista Fernandes (reitor de Semelhe), Manuel Goja (Vigario de Parada), José Evaristo Gomes, Abbade João Antonio Rodrigues, Padres Manuel Rodrigues Junqueira, Manuel Joaquim Peixoto Braga, José Antonio Fernandes Lopes, João Roberto Pereira Maciel, Thomaz Hossenlopp, Padio Cuertes, Joaquim Gomes da Costa, Antonio J. Rodrigues, Manuel Martins d'Aguiar, Antonio Alves Pereira de Magalhães, Francisco d'Assis e Silva, João Vaz, Arthur da Conceição Ferreira Campos, José de Faria Figueiredo e Mattos, Alfredo da Silva Alves, Manuel Freire de Barros, José Maria da Circumcisão Amorim, Francisco José Pereira, José Maria Martins, Manuel José Rodrigues, José da Silva, Conego Antonio José da Silva Correia Simões.

Padre Manoel José da Costa, Padre João Baptista Ferreira Torres, Padre Antonio José Pinheiro Vieira Braga, Conego Manoel d'Oliveira Barbosa, Padre Alfredo Augusto Pereira Lobo, Padre Francisco Rodrigues da Cruz, Padre João Pedro Ferreira Airosa, Padre Domingos d'Azevedo, Padre José Joaquim Domingues da Costa, Padre Bernardino Pinto d'Araujo, Padre José Antonio Dias, Padre Manoel Fernandes Guimarães, Padre Francisco José

Galvão, Padre Francisco Maria Pereira Lobo, Padre Antonio José Pires de Freitas, Padre Antonio Augusto Gomes da Costa, Padre Bento José Barroso, (capellão militar), Padre Camillo José de Souza, desembargador Manoel d'Albuquerque, Padre João Alvares Fernandes de Moura.

Padre Alberto Alvares de Moura, Conego Alberto Vasconcellos, Conego Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, Padre Pedro José da Costa, Padre Antonio José Ferreira Braga, Padre Albino José Ferreira, Padre Domingos de Gusmão Castro e Araujo. Padre Joaquim Antonio Vieira d'Araujo, dr. Pedro Cogliolo, Padre João Crioni, Padre Menio Rodrigues, Padre José Galli, Padre Angelo Berchamini, Padre Antão José d'Oliveira, Padre Domingos José Barroso Pereira.

Padre José Fernandes, (Reitor de Tendões); Padre Antonio José Taveira, Padre Domingos de Jesus Araujo, Padre Manoel Luiz Pereira, Padre José Francisco de Faria Guimarães, Padre Antonio Xavier Couto, Padre Antonio Maria Fernandes, Abbade João Augusto de Pereira Lima, Padre Antonio Lopes Coelho, Padre José da Costa Abreu, Padre Manoel Joaquim da Cruz, Padre Alberto Freitas de Carvalho, Padre Manoel Lopes da Silva, Padre Balthazar Maria d'Azevedo, Padre Joaquim Manoel Gonçalves, Padre Antonio José Rodrigues, Padre José Fernandes Ribeiro, Padre José Raymundo Alves d'Araujo, Padre Antonio Rodrigues Braga, Padre João Baptista d'Aguiar, Padre Joaquim José de Souza, Padre José Maria de Souza, Padre Sebastião Pires de Freitas, Padre Joaquim Gerez Lopes, Padre Antonio José Gomes, Padre Manoel Antonio da Costa, Padre Thomaz Affonso Felgueiras, Padre Manoel José Pereira, Padre José Maria da Fonseca Duarte, Padre José Joaquim Martins.

Os sacerdotes que estão fazendo uso de banhos no Gerez, e que enviaram a sua adhesão áquelle protesto são os seguintes:

Padre Casimiro Antonio Pessoa, abbade de Santo André de Poiares, Bispaço de Coimbra; Padre Joaquim Marcelino Fontoura, do Arcebispado de Braga; Padre Manoel da Costa Moreira, do bispado do Porto; Padre Antonio Joaquim da Rocha, residente no Gerez; Padre José Joaquim d'Almeida Pacheco, do Patriarchado; Padre Antonio José Nogueira e Padre Pedro Daniel Hickey.

Protesto do clero de Guimarães

O pessoal ecclesiastico da I. e R. Collegiada de Guimarães e Seminario annexo de Nossa Senhora de Oliveira, dirigiu o seguinte protesto a El-Rei

contra os maus tratos de que foram victimas os seus collegas no sacerdocio, nos tumultos de Lisboa do dia 30 do mez passado:

Senhor. — Os revoltantes e tristissimos acontecimentos do dia 30 do mez passado, tendo por theatro a capital d'um reino que se gloria de civilisado e que em seu pacto constitucional declara « religião do Estado » a Religião Catholica, produziram em todos os bons corações um legitimo fremito de indignação. Protestar contra esses acontecimentos e contra as injurias feitas aos nossos irmãos no sacerdocio, é um direito tão sagrado como dever imperioso; é, por egual, uma necessidade religiosa promanada da fraternidade que nos une e um exemplo imprescindivel para a sociedade justa e profundamente escandalizada por aquelle facto tristemente symptomatico.

É inaudito, Senhor, que n'um seculo por tantos titulos illustrado e grande, em que a justiça e o direito sociaes se empenham em desaggravar todos os offendidos, reservando para si a manutenção da defeza de cada um e esforçando-se por estabelecer a solidariedade de todos, — em que as nascentes e largas aspirações accentuam a necessidade da cooperação individual para os beneficios da collectividade, em que a fraternidade tem o culto dos ideaes alevantados e dos principios generosos — é inaudito e vergonhoso, repetimos, que, n'um dos principaes centros europeus, houvesse contra inoffensivos sacerdotes ferocidade de que os proprios selvagens de vergonha corariam. É inaudito que, na altura de illustração de que o seculo se vangloria, germinem e tomem vulto calumnias tão baixas e tão ignaras como essa que pretextou as aggressões, e dõe ainda mais que achem meio a que se adaptem e onde se difundam.

Senhor. — Se os nossos inimigos se chamam a Sciencia, nós provocamol-os nobre e generosamente para os certamens scientificos, na escola, na imprensa, na tribuna e no pulpito.

Se os nossos inimigos se dizem os advogados natos dos interesses da humanidade, — nós respondemos ás suas theorias alliciadoras com as nossas obras proficuas — a escola, o asylo, o hospital, a creche, as associações pias, todas essas estancias onde bate a desgraça, e abre, sorridente, a caridade!

Reptados, porém, assim, como fazem os nossos inimigos? Respondem com a insidia de suas calumnias e com a furia de suas perseguições, em plena capital e á luz do dia. Ai, porém, Senhor, se tal processo se generalisa e taes desmandos se não reprimem!!

Hontem foram os Padres — a ideia religiosa — os perseguidos e apedreja-

dos: amanhã sel-o-ão quantos representarem o principio d'auctoridade!

Não queremos muito, Senhor. Para a nossa actividade, a liberdade que lhes não disputamos a elles; e para as nossas pessoas o respeito e a immuniidade que exigem para si proprios. Se temos pelo Evangelho o dever de perdoar offensas, não nos corre obrigação de calar este protesto. Vimos apresental-o aos pés de Vossa Magestade e proclamar, n'um brado unisono: Senhor: Rugem n'uma furia satanica os inimigos do throno e do altar. Os acontecimentos do dia 30, se não se assignalam pelo morticínio, *destacam-se* como symptoma e avultam como lição.

São a guarda avançada dos granadeiros do mal, dos inimigos da ordem publica, dos demolidores de tudo.

Providencias, Senhor, e garantias. E' o clero elemento valiosissimo na manutenção da ordem, na morigeração dos povos, na consolidação dos bons principios sociaes. Estendei, pois, Senhor, até elle as vossas vistas e recebei o protesto que respeitadamente depomos em vossas mãos contra os desacatos e maus tractos infligidos aos nossos irmãos no sacerdocio.

Conego Antonio Joaquim Alves Pereira de Souza.

Conego Antonio Julio de Miranda

Conego Pedro Gonçalves Sanchez

Conego Manuel Moreira Junior

Conego Manuel José da Silva Bacellar

Conego Alberto da Silva Vasconcellos

Conego José Maria Gomes

Conego Antonio José Gomes Cardoso

Conego Antonio da Silva Ribeiro

Manuel de Jesus Pimenta, Vice-Reitor

Padre João Antonio Ribeiro Junior

Padre João Maria Soares

Padre Antonio Gualberto Pereira

Padre Paulo Gonçalves Pereira

Padre Antonio Mendes Leite

Padre Augusto Carlos da Silva Ferreira Coimbra

Padre Antonio Joaquim Teixeira

Padre Domingos Antonio Antunes

Padre Francisco Antonio Saraiva Brandão

Padre Francisco Antonio Peicoto de Lima.

Os morticínios na China

A situação das missões na China é muito critica, pois receiam-se novos morticínios. O jornal *Mercury*, de Shanghai, diz que os funcionarios chinezes declaram não terem grande empenho em reprimir os amotinados.

A provincia de Fu-Tchien acha-se em estado de insurreição; a missão americana de Tungfuk foi queimada.

Afirmam alguns sobreviventes do morticínio de Wa-Sang que este foi commettido por uma forma diabolica.

Nenhuma provocação deu motivo ao ataque, que havia sido cuidadosamente preparado e foi realisado quando estavam a dormir os operarios da missão.

Nos pontos mais approximados de Fon-Tchéon e que parecem actualmente mais ameaçados, acham-se as estações mais importantes da egreja anglicana: Fon-Tchien, Fon-Nhing, Liang-Kiang, Nhung-Te, ao norte de Fon-Tchéon, e King-Hoa, ao sul d'esta cidade.

Estas missões, compostas de inglezes e americanos, e que primitivamente eram destinadas á India, estenderam-se pela China e teem feito numerosos proselytos indigenas que, a seu turno, instruem os seus compatriotas.

O ministro britannico em Pekin exigiu do Tsong-li-Yamen uma escolta militar para o consul inglez proceder a um inquerito no local do morticínio. Reclama do governo chinez um decreto imperial edictando a pena de morte contra os culpados e além d'isso ordens muito severas para a protecção de todos os missionarios inglezes actualmente na China.

O governo chinez teve que obedecer a todas as reclamações.

As forças navaes inglezas são numerosas nos mares da China, e como não haja sido enviada ordem alguma do governo, o almirante sir C. R. Fremantle poderá em qualquer occasião, com o auxilio dos funcionarios britannicos estabelecidos nas localidades, tomar as medidas necessarias á protecção dos interesses inglezes.

Fallecimento d'um principe frade

Falleceu no convento de Buiron, (Wurtemberg) o principe Edmundo de Radziwill. Era frade beneditino e tinha nascido a 6 de setembro de 1842. Representou no Reichstag, de 1874 a 1881, na qualidade de membro do centro, a circumscripção de Beuthen-Tarnswitz. O seu irmão mais velho é o principe Fernando, deputado ao Reichstag (fracção dos polacos) e membro hereditario da camara dos senhores. Um outro dos seus irmãos faz parte da Companhia de Jesus.

Peregrinação italiana a Lourdes

Partirá de Turim, no dia 16 de setembro, uma grande peregrinação a Lourdes, afim d'estar aos pés de Maria, a orar pela Egreja e pela Italia, no dia 20 de setembro, anniversario da invasão da Porta Pia.

Os catholicos francezes

Nas ultimas eleições francezas os catholicos obtiveram maioria nos districtos de Lille, Lyon, Saint-Chamond, Rive de Giers, Castres, Lavour, Fi-

nisterre e Calvados. Isto é, onde houve união, a victoria foi dos catholicos.

Ponham os olhos n'isto os catholicos portuguezes. Se cá reinasse a mesma união, que enorme bem para a causa da Egreja!

Um rasgo de caridade

O nosso collega *El Criterio Gallego* transcreve d'um collega o seguinte:

«A scena passa-se em Londres, no Strand, um domingo á hora da Missa.

«Neva. Uma irlandeza varre a rua. Passa uma senhora d'idade e encara a varredora:

— Já ouviste missa? — perguntou-lhe.

— Não, minha senhora, trabalho para levar um pedaço de pão a meus filhos.

— Dá-me a vassoura, — disse a desconhecida; vae á egreja, e entretanto eu trabalharei por ti. Depois da Missa dar-te-hei a vassoura.

«A pobre obedeceu, e ao sair da Missa viu que a pessoa que a substituiu não esteve inactiva.

«Dê-me a vassoura, minha senhora; já ouvi Missa.

«— Toma-a, e vê lá o que ganhaste, — disse a senhora dando-lhe algum cobre e uma moeda d'ouro.

«A senhora d'idade pertence á antiga nobresa catholica da Inglaterra, e não ha inglez, nem principalmente irlandez que não conheça as excentricidades caritativas de que a sua vida é cheia.»

Excentricidades caritativas lhe chama o jornal d'onde *El Criterio Gallego* transcreve a noticia. Rasgo d'accendrada caridade lhe chamaremos nós.

O verão do Papa

Sua Santidade sae ás 10 horas da manhã dos seus aposentos. Levam-no em cadeira de mão, e, passando pela bibliotheca, dirige-se ao jardim, onde o espera uma carruagem, na qual passaria algum tempo. Atravessa depois a *Palazzina* e entra na torre.

Aqui, onde sempre está fresco, recebe os Cardeaes e as pessoas que vão conferenciar com elle.

A torre tem tres janellas, porém uma d'ellas foi sacrificada para installar uma cama.

Ao anoitecer, quando o calor é menos intenso, o Papa sae, e parte a pé, em carruagem ou na cadeira de mão e percorre as alamedas do jardim antes d'entrar nos seus aposentos.

Passeia a pé uma rua d'arvores mui sombria, que borda a *Palazzina*, apoiado no seu bordão. De quando em quando tira a caixa do rapé, toma uma pitada, limpa-se cuidadosamente com um lenço e anda alguns momentos sem auxilio de ninguem.

Leão XIII visita tambem a vinha que mandou plantar, falla com o jardineiro-mór, faz-lhe mil perguntas e dá-lhe uteis conselhos.

O dia decorre tranquillamente, até que o pôr do sol recorda ao Papa a necessidade de refugiar-se no interior do palacio para evitar as febres palludicas.

Primeiro congresso nacional marianno em Livorno

O primeiro Congresso nacional marianno realizar-se-ha em Livorno nos dias 18, 19, 20, 21 e 22 do corrente mez.

Este congresso é consequencia necessaria dos Congressos Eucharisticos. Por isso foi plenamente approvado pelo Santo Padre e é favorecido por todo o Episcopado italiano.

Protesto do clero contra os attentados de Lisboa

O jornal *A Palavra*, do Porto, abriu nas suas columnas um protesto contra os attentados de Lisboa dos dias 30 e 31 de julho, o qual é assignado exclusivamente pelo clero de Portugal.

O jornal portuense tem recebido muitas adhesões subindo presentemen-

te a mais de seiscentos o numero de sacerdotes que teem enviado áquelle jbrnal os seus nomes para serem inscriptos no protesto.

Lembramos aos nossos presados assignantes membros do Clero, que não sejam leitores d'*A Palavra*, a conveniencia d'adherirem áquelle protesto, enviando os seus nomes, mesmo em bilhete postal, áquelle jornal, para este fim.

O protesto d'*A Palavra* é concebido nos seguintes termos:

«Nós, abaixo assignados, protestamos energicamente contra todos os insultos e attentados de que foram victimas, nos dias 30 e 31 de julho passado, alguns dos nossos irmãos no sacerdocio.»

Não é necessario encarecer este protesto do clero na occasião em que os jacobinos e mações espancam indefezos sacerdotes e lhes negam as liberdades que a constituição do paiz concede a todos os cidadãos.

E' necessario protestar energicamente contra estes attentados para que a jacobinagem e a maçonaria saibam que não podem impunemente insultar e agredir os catholicos.

Se se não protestar, e protestar com energia, esses miseros, fiados na impunidade, repetirão os espancamentos e não cessarão de clamar por leis de repressão para a Egreja e os catholicos.

Protestemos pois todos, nomeadamente o clero.

Protestemos e unamo-nos para combater os inimigos de Deus e da sua Egreja. E' uma necessidade e só a não reconhece quem não amar como deve a Deus e á sua Egreja.

Deixemo-nos, pois, de questões secundarias, que nos trazem divididos; e façamos a Deus o sacrificio das nossas paixões politicas, pondo em primeiro logar os interesses do catholicismo. Procuremos primeiro que tudo o reino de Deus e a sua justiça, que o resto nos será dado por acrescimo.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 reis—Estados da India, China, e America, 15280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou melo anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.